

EM PARIS, TUDO ACONTECE

Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 1985)

Nós brasileiros, ao ouvirmos falar de marquesas e duques, condes e condessas, temos a impressão de que são títulos pertencentes somente ao passado. Por vezes até esquecemos que ainda possam existir resquícios de tão obsoleto sistema social. Pois que os há nessa velha Europa cansada e bela.

Na semana que passou, fui convidada a comparecer a uma *soirée* artística em casa de uma condessa, na Av. Foch, 16.º *arrondissement* da cidade de Paris (próximo ao Arco do Triunfo), cuja experiência gostaria de narrar.

Há mais de dez anos que reuniões como essa se repetem a cada mês em sua residência, tendo como freqüentadores senhoras de meia idade tradicionalmente vestidas, acompanhadas de senhores engravatados. A condessa, portando vestido negro com desenhos em “strass” e fios de prata, recebe delicadamente a cada convidado. O apartamento, embora sóbrio, é aconchegante. Muitos quadros nas paredes (inclusive alguns contendo homenagens concedidas à nobre dama), bonitos tapetes, móveis antigos e cristaleiras repletas de pequenas peças de suas coleções, compõem a decoração do hall de entrada e do salão principal. Esse último, para melhor se adequar ao evento, sofreu visíveis modificações. Colocadas lado a lado, e formando várias fileiras, as cadeiras, voltadas para o piano de cauda e a tela branca para projeção, chegavam a ocupar metade da sala.

A programação dessa noite dedicada às artes mostrou-se diversificada. Iniciou com a projeção de *slides* sobre a cidade de Paris. Seria natural perguntar que interesse haveria em vê-los em reunião tão solene, uma vez que os há em toda parte. Esclareço, portanto, que estas não eram fotografias comuns, como aquelas oferecidas aos turistas, pois demonstravam grande sensibilidade artística. Tratava-se de detalhes que, talvez, a poucos interesse ver. Assim, janelas, esquinas, escadas, lustres e corredores foram apresentados sobre a tela e poeticamente comentados por um estudioso das artes e profundo conhecedor da cidade-luz.

Depois, todos ouviram, com igual atenção, um jovem violinista acompanhado ao piano por seu professor, executar, não com tanto brilhantismo como se esperaria, obras de Paganini.

Em seguida foi a hora da poesia. Quatro clássicos da poesia francesa foram recitados com emoção e força por uma atriz de teatro. Ao som de suave fundo musical, a condessa também recitou poemas seus, inspirados em obras de Fauré, e a ele dedicados.

Quadros de paisagens foram apresentados por uma artista plástica que pelo seu estilo, e técnica, reafirmam o espírito tradicionalista de seus apreciadores.

Como se aproxima o carnaval e a população francesa já pensa em sua estada em Veneza, seguiu-se interessante desfile de máscaras coloridas. Belas criações em plumas, paetês e rendas encantaram a todos os presentes. Foi então anunciado pequeno intervalo, antes de prosseguir com nova série de projeções sobre o Carnaval de Veneza. O coquetel foi servido, com vinho branco e canapés de caviar, e os convidados aproveitaram para circular pelo apartamento. Fizeram-se as apresentações de praxe, pois nem todos se conheciam e havia pessoas das mais diversas origens e profissões. Um era sociólogo, outro arquiteto, um do norte, outro do sul, mas é claro que dentre esses havia também artistas e alguns parisienses.

Por muito tempo o intervalo se prolongou sem que fosse anunciada a projeção final. Preocupados, já alguns comentavam e interrogavam o por quê. Não foi difícil constatar, porém, ao olhar para o fundo do salão, um rapaz aflito em frente ao sofisticado projetor de *slides*. Atrapalhado e já sem estímulos, ele tentava ainda uma solução. Mas não adiantou: a máquina entrou em pane e não quis mesmo funcionar. Diante de tão desconcertante fato, a condessa veio toda sem jeito anunciar que lamentava sua festa terminar com tão desagradável incidente.